

RUY FABIANO

* 2 MAR 1991

Ponto de Vista

O enigma Sarney

O ex-presidente Sarney, redivivo e atuante, tornou-se uma das principais incógnitas do quadro político brasileiro. Sendo ou não candidato à sucessão de Collor — o que, pelo menos por ora, parece improvável —, tornou-se peça-chave no processo, com a liderança que estaria exercendo sobre consideráveis bancadas, na Câmara e no Senado. Fala-se em 40 parlamentares obedientes à sua orientação.

O presidente Collor, que se elegeu massacrando verbalmente o hoje senador pelo Amapá, detectou há tempos essa realidade. E passou a lutar, através de amigos comuns, pela superação das mágoas passadas. E amigos comuns é o que não falta: a base parlamentar que apoiou Sarney é praticamente a mesma que apóia Collor.

Embora se saiba que a bandeira eleitoral anti-Sarney, desfraldada por Collor na campanha, obedeceu a script de seu prévio conhecimento — e o objetivo era impedir que a esquerda se apossasse do tema da corrupção —, nem por isso as relações entre ambos deixaram de sofrer arranhões. Sarney foi pessoalmente acusado — e com tal dureza que chegou a pedir reparação à Justiça.

Águas passadas. O ex-presidente já declarou que não mistura política com questões pessoais. E que não é vingativo, nem guarda mágoas. Já conversou algumas vezes por telefone com o presidente Collor e com emissários seus, tendo sempre se mostrado solícito e prestativo. Foi abordado por ocasião das eleições para as mesas diretoras da Câmara e Senado, bem como na votação do Plano Collor II.

E cumpriu todos os acordos.

Se, entretanto, se mostra atencioso, nem por isso exhibe clareza ou entusiasmo em relação ao governo Collor. Tem sido, ao contrário, reticente, enigmático, embora não esconda sua apreensão com a crise. Daí ser visto como uma incógnita no processo. Inquietante incógnita.

O presidente Collor, por exemplo, vê, com indisfarçável incômodo, a corte que lhe faz o governador Orestes Quércia. Sarney é influente eleitor do PMDB, embora conserve a maioria de seus aliados no PFL, seu partido de origem. A meta de Quércia é ambiciosa: filiar ao PMDB a bancada sarneyzista e torná-la aliada não apenas de sua candidatura presidencial, mas também de suas ações parlamentares em relação ao governo Collor.

Quércia não quer confronto — pelo menos agora. Preocupa-se com a governabilidade, mas não deseja que o presidente Collor recupere-a por completo. Se o fizesse, passaria a dispor de tal força que assumiria o comando do processo sucessório, adquirindo condições, inclusive, de manter-se onde está por pelo menos mais um mandato.

A idéia é tornar o presidente cativo da base parlamentar que Quércia vem sedimentando. O senador José Sarney teria o papel de coadjuvante nesse processo, assumindo o comando das ações políticas no Congresso — onde, entre outras iniciativas de peso, se projeta selar um amplo entendimento nacional, que ajude o País a superar pacificamente a crise.

Essa a idéia. Não se sabe ainda o que dela pensa o senador Sarney.